

RELAÇÕES ENTRE CONHECIMENTO E TRABALHO

Entrevista com Débora Duran, professora, pedagoga com aperfeiçoamento em alfabetização; especialista em multimídia para educação e negócios, EAD e Design Instrucional e Mestre e Doutora pela Faculdade de Educação da USP



Professora Dra. Débora Duran recebendo o certificado do Diretor do CIANB, o Capitão de Mar e Guerra (Intendente da Marinha) Victor Leal Domingues, por ocasião de sua palestra proferida no V Encontro Pedagógico do CIANB.

As transformações sociais da atualidade convidam as organizações a refletirem sobre suas práticas, sobretudo quanto aos resultados pretendidos por elas, a coletividade e a sustentabilidade, consubstanciada em suas ações de longo prazo. Nesse contexto, tem-se nas relações entre conhecimento e trabalho uma vasta fonte para o desenvolvimento de novas habilidades e competências organizacionais.

Nesse sentido, como a Senhora descreveria o contexto social atual e de que forma as práticas em educação poderiam contribuir para o desenvolvimento de novas competências?

O contexto social atual é marcado pela interconexão de dois processos irreversíveis: a globalização e a revolução informacional. No que diz respeito às relações entre o mundo do trabalho e o mundo do conhecimento, a palavra de ordem é fusão. Se, na Grécia Antiga, a palavra era separação e, na Revolução Industrial, aproximação, atualmente a informação representa o novo fator de produção da sociedade global. Nesse sentido, transformar informação em conhecimento é um dos grandes imperativos no contexto da cibercultura ou cultura digital. Não por acaso, a educação, quer seja inicial ou continuada, transformou-se

num compromisso urgente da agenda das políticas públicas.

No que diz respeito ao desenvolvimento de novas competências, precisamos compreender que as novas demandas do mercado de trabalho colocam em xeque o modelo consagrado de educação formal. Com a popularização dos computadores, celulares e do acesso à Internet, os espaços de concentração tais como escolas, universidades e bibliotecas estão dando lugar aos espaços de distribuição. Sendo assim, inevitavelmente os papéis do professor, do aluno e das instituições de ensino também se deparam com o desafio da “reinvenção”. Em outras palavras, isso significa dizer que a ideia de transmissão da informação dá lugar à de construção ou elaboração do conhecimento, de modo que o modelo clássico de emissão-recepção é desafiado pela interatividade que permeia a lógica das redes sociotécnicas. Para além do conteúdo em si, ou do saber, faz-se necessário saber fazer, saber agir, posicionar-se e conviver num mundo marcado pela diversidade e pela complexidade. O desafio, então, não é simples nem fácil...

Obviamente, o desenvolvimento por competências não pressupõe a minimização da importância dos conteúdos. Contudo, a ideia de articulação entre conhecimentos, habilidades e atitudes, principalmente no que diz respeito à educação profissional, aponta para a necessidade de mobilização de recursos para a solução de problemas da vida real. Sendo assim, tanto currículos como metodologias e avaliações devem estar alinhados com as ideias de autoria, problematização e contextualização. O ensino e a aprendizagem por competências não podem ficar limitados à transmissão e à reprodução de conteúdos.

Em muitas produções científicas podemos verificar a importância das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) como elementos essenciais dos processos sociais da

atualidade. Apesar de apresentarem avanços significativos nas formas de comunicação, geram impactos significativos nas dimensões Humana e Relacional.

Considerando que os avanços tecnológicos mantém estreita relação com o desenvolvimento social, como a Senhora pontuaria a importância atribuída às TIC no contexto educacional e qual o papel do professor nesse cenário?

Bem, em primeiro lugar, precisamos transformar a afirmação em interrogação:

Afinal, de que maneiras ou em que condições o acesso ou utilização das TDIC (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação) podem contribuir para o desenvolvimento social e cognitivo?

Essa questão é fundamental, pois não podemos correr o risco de resvalar no determinismo tecnológico. Uma visão determinista supõe que todo e qualquer uso tecnológico será, por si e em si mesmo, sinônimo de desenvolvimento. Contudo, a realidade nos mostra que nem tudo é sempre assim. Temos incontáveis exemplos de instituições de ensino que investem altos valores em equipamentos e programas na esperança de garantir a

“Atualmente a informação representa o novo fator de produção da sociedade global. Nesse sentido, transformar informação em conhecimento é um dos grandes imperativos no contexto da cibercultura ou cultura digital.”

“Com a popularização dos computadores, celulares e do acesso à Internet, os espaços de concentração tais como escolas, universidades e bibliotecas estão dando lugar aos espaços de distribuição.”

revolução pedagógica pela via tecnológica. Apesar dos grandes investimentos, não raro nos deparamos com uma mera transposição de metodologias passivas para os softwares educativos e ambientes virtuais de aprendizagem. A educação a distância, por exemplo, às vezes se constitui num exemplo dessa contradição. Apesar da potencialidade, é questionável do ponto de vista da efetividade. Quando o foco recai tão somente sobre os conteúdos e a interatividade fica comprometida, o paradigma da transmissão é reforçado, ainda que de forma supostamente renovada. Temos, assim, “mais do mesmo”.

As tecnologias são, sem sombra de dúvida, fundamentais para enfrentar os desafios educacionais da atualidade, uma vez que são constituídas e constituintes da cultura digital. Já não podemos mais nos limitar à ideia de novas ferramentas ou instrumentos, pois o processo de digitalização traz em sua esteira uma nova cultura de aprendizagem. Contudo, o papel dos professores como mediadores no processo de construção do conhecimento merece especial atenção nas dinâmicas de ensino e aprendizagem. Professores precisam se valer das tecnologias para desafiar e mobilizar os alunos com o objetivo de promover o desenvolvimento com base em projetos criativos e interativos.

Como a Senhora enxerga o ensino Militar nesse contexto?

As novas configurações da Sociedade da Informação apontam para a emergência de novas geopolíticas que, por sua vez, também alteram as características do *front* convencional. As batalhas da contemporaneidade já não são as mesmas de décadas atrás e, devido ao seu caráter muitas vezes irregular, impõe-se a necessidade de profissionalização de um novo tipo de combatente. No mundo VUCA, um acrônimo já bem conhecido cuja tradução sintetiza as ideias de volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade, novas competências são exigidas dos profissionais das Forças Armadas. Não por acaso, os documentos oficiais relacionados à Defesa destacam a importância da flexibilidade, da criatividade e da capacidade de decisão como aspectos fundamentais na formação dos militares. Particularmente, entendo que o ensino militar precisa investir cada vez mais no desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais, já que a formação de profissionais de alta performance e líderes que irão atuar em situações limite requer um efetivo equilíbrio entre razão e emoção.

Em complemento, de que forma as tecnologias poderiam contribuir de modo efetivo para o desenvolvimento de práticas pedagógicas?

Costumo dizer que existe uma distância entre a potencialidade e a efetividade. Sabemos que existem diversos equipamentos, recursos e redes que podem ser utilizados para fins pedagógicos, mas as novas tecnologias não podem ser tomadas automaticamente como sinônimo de novas pedagogias. A ideia de desenvolvimento das práticas pedagógicas está intimamente relacionada ao sentido do que ensina e do que se aprende, ou seja, de uma efetividade que depende dos resultados do processo educativo em sentido amplo. Sendo assim, a instrumentalização pode até parecer promissora, mas precisamos ter em mente que

“As tecnologias são fundamentais para enfrentar os desafios educacionais da atualidade, uma vez que são constituídas e constituintes da cultura digital. Já não podemos mais nos limitar à ideia de novas ferramentas ou instrumentos, pois o processo de digitalização traz em sua esteira uma nova cultura de aprendizagem.”

hardware, software e acesso não são garantias de desenvolvimento. Sendo assim, vale lembrar do *peopleware*, ou dimensão humana responsável pela concepção e realização dos projetos que lançarão mão dos dispositivos tecnológicos para fins pedagógicos. A meu ver, o x da questão está justamente na criatividade, consistência e coerência dos projetos que irão orientar as práticas educativas com foco na interatividade, complexidade, hipertextualidade e interdisciplinaridade.

Em sua palestra “Ensino por competências: das teorias da aprendizagem às práticas de ensino”, proferida aqui no CIANB durante a 5ª edição de nosso Encontro Pedagógico, em 2019, a Senhora fez um convite à reflexão sobre as razões que sustentam as práticas educativas, em especial envolvendo o uso de

novas tecnologias, ressaltando a necessária atenção ao contexto social e cultural elementos que impactam o aprendizado.

Retomando um pouco a discussão sobre a importância dos fins sobre os meios, propiciar oportunidades de aprendizado, seria, então, a questão principal a ser entendida?

A principal questão a ser entendida é sobre o porquê da aprendizagem, pois sem se ter clareza do sentido do que se aprende num determinado contexto sociocultural não se pode pensar de forma coerente sobre as razões do ensino. Afinal, por que precisamos aprender isso ou aquilo? Qual é a necessidade que justifica, então, as práticas de ensino?

No momento em que os porquês ficam claros, podemos então pensar nos para quês ou objetivos. Somente depois de termos em mente essas respostas iniciais poderemos então nos perguntar sobre o como iremos proceder. Primeiro, os fins; depois, os meios.

É com base nas necessidades e objetivos que poderemos planejar, de forma adequada, as dinâmicas ou oportunidades de aprendizagem. Atualmente, os educadores andam muito deslumbrados com o discurso das metodologias ativas e não se dão conta de que, sem querer ou sem saber, estão reforçando o discurso do neotecnicismo. As metodologias são muito importantes, mas devem estar a serviço dos projetos pedagógicos e não o contrário.

Falando um pouco das metodologias ativas como instrumentos para oportunizar o aprendizado, como a Senhora pontua a mudança do ensino tradicional, marcado pela emissão-recepção, para um modelo caracterizado pela conectividade e aprendizagem ubíqua, especialmente no contexto das Forças Armadas?

Vivemos em tempos de cibercultura, de interatividade. Curiosamente, apesar dessa aparente obviedade, nas instituições de ensino, quer sejam civis ou militares, a superação do paradigma da transmissão ainda é um desafio a

ser superado tanto na modalidade presencial como na EAD. Temos, ainda, uma mentalidade metodológica focada no conteúdo e, quando muito, no design instrucional cujos moldes ainda remontam ao período da Segunda Guerra Mundial. Hoje, o foco metodológico recai sobre as experiências de aprendizagem, mas do discurso à prática há uma grande distância, pois nem sempre as condições de trabalho são as mais adequadas ao processo de inovação pedagógica. Ainda assim, no contexto das Forças Armadas já se faz notar, para além da preocupação, uma ação proativa no sentido de privilegiar a interatividade e a conectividade entre diferentes saberes, áreas e instituições.

No que diz respeito às relações interpessoais, é preciso destacar a importância da relação complementar entre o argumento da autoridade e a autoridade do argumento para que militares de diferentes patentes possam atuar de forma colaborativa e respeitosa no sentido de valorizar o conhecimento de superiores, pares e subordinados.

Seguindo este raciocínio, como qualificar o docente do Ensino Militar, que teve a sua formação em um modelo de ensino tradicional, para atuar nesse novo modelo?

Esse, de fato, é um desafio enorme. Temos a tendência natural de reproduzir, na nossa prática docente, os modelos que interiorizamos com base nas experiências pessoais enquanto alunos. Como, geralmente, fomos formatados num modelo de reprodução, não é nada fácil atuar numa perspectiva de construção. Já dizia o ditado popular: “cada um dá o que tem”. Sendo assim, precisamos pensar em estratégias que contribuam para ampliar o repertório profissional dos docentes, quer sejam professores ou instrutores. Além de dominar os conteúdos de sua área, é fundamental que sejam capazes de articular as teorias da aprendizagem às práticas de ensino com vistas ao desenvolvimento de suas ações nas aulas e instruções. Para isso,

“A principal questão a ser entendida é sobre o porquê da aprendizagem, pois sem se ter clareza do sentido do que se aprende num determinado contexto sociocultural não se pode pensar de forma coerente sobre as razões do ensino.”

não basta ler livros e artigos, ouvir palestras ou aplicar metodologias de ensino tidas como infalíveis pelo discurso do marketing pedagógico. É fundamental participar de dinâmicas de aprendizagem cujos diálogos e experiências possam inspirar novas práticas adequadas à formação militar e que tenham como ponto de partida o próprio contexto, bem como a autoria criativa e a ação crítico-reflexiva dos docentes. Em última instância, o docente nunca poderá de ser discente, pois quem pretende ensinar nunca pode deixar de aprender.

UM BREVE HISTÓRICO

Pedagoga com aperfeiçoamento em alfabetização; especialista em multimídia para educação e negócios, EAD e Design Instrucional e Mestre e Doutora pela Faculdade de Educação da USP. Realizou estágio pós-doutoral na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), é professora e pesquisadora do Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias (CEP/FDC) e assessora pedagógica da Diretoria de Educação Técnica Militar (DETMil) do Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX).

Fonte: https://anaisdosimposio.fe.ufg.br/up/248/o/D_bora_Duran.pdf